

5

Violência Doméstica no contexto homossexual

5.1

Violência doméstica como primeiro núcleo socializador discriminatório

Muitas vezes os pais não só silenciam, mas colaboram ativamente na reprodução da violência, já que muitos não gostariam de ter filhos homossexuais e por isso não consideram seus atos violentos contra seus próprios filhos como manifestações de agressão, naturalizando e banalizando expressões de preconceito e esquecendo-se da violência simbólica imbutida no discurso. A violência no ambiente familiar não pode ser reduzida apenas ao plano físico. Neste ambiente as agressões vão desde um apelido “inocente” até chegar às agressões físicas de fato. A idéia da violência física associada à criminalidade faz com que a violência simbólica passe despercebida pelos bancos escolares. Nunam⁹⁹ define três tipos de violência doméstica:

“Agressão física pode ser caracterizada por qualquer comportamento, que utilize força física, cuja conseqüência são danos corporais ou destruição de propriedade; a violência psicológica tende a se manifestar através de intimidação, humilhação, ameaças, agressões verbais, isolamento social e dependência financeira forçada e a agressão sexual está relacionada a atos sexuais não-consensuais ou que visam humilhar o parceiro com relação a seu corpo, desempenho sexual ou sexualidade”.

O ambiente familiar é responsável pelo grande número de homossexuais agredidos por causa de sua orientação sexual, já que as crianças não têm em suas famílias acesso ao diferente, ao plural. Não raro encontramos um menino ou uma menina sendo “massacrado” por piadinhas e apelidos maldosos, simplesmente por não estarem cumprindo seus papéis sociais: menino joga bola e menina brinca de boneca. O que não corresponde a esta realidade está fora da normalidade e é errado. Esta intolerância se mostra mais agressiva e mais visível quando o adolescente homossexual começa a demonstrar sinais claros de se tornar um possível travesti ou transgênero na idade adulta como nos mostra Mott¹⁰⁰, acerca da

⁹⁹ NUNAN, Adriana. **Violência doméstica entre casais homossexuais: o segundo armário?** 2003. Rio de Janeiro. p. 35.

¹⁰⁰ MOTT, Luiz. **Programa Brasil sem homofobia**. p. 03. Brasília, 2004

homossexualidade adolescente:

“Geralmente, quando ainda estão cursando o ensino fundamental, por volta dos 13 ou 14 anos, as jovens travestis começam os processos de hormonização, depois vem a siliconização e o preconceito. A família, principalmente no Nordeste, não aceita e o garoto é expulso de casa. O único meio de vida é a prostituição. Costumo comparar a travesti a uma ilha, só que ao invés de estar cercada de água por todos os lados está cercada pela violência”.

A homossexualidade dentro da família é tratada do mesmo modo como é tratada fora dela, ou seja, a partir dos papéis sociais/sexuais impostos pela sociedade a homens e mulheres na vida cotidiana. As relações de poder também estão presentes no imaginário popular no que diz respeito à sexualidade humana, já que o poder está relacionado à masculinidade, enquanto ao feminino cabe a delicadeza e a sensibilidade. Neste ambiente, podemos observar que as relações sexuais também passam pelo crivo social dos papéis sexuais/sociais.

A violência doméstica é considerada um grande problema social nos últimos tempos, constituindo hoje a principal causa da morte de homossexuais. Trata-se de uma população cujos direitos básicos são violados, como o acesso à escola (acabam desistindo dos estudos), assistência à saúde (muitos não procuram os serviços públicos para não serem expostos) e aos cuidados básicos da família para o seu bom desenvolvimento psicológico e intelectual. Os maus tratos a jovens gays são, dentre outras formas de expressão da violência, as mais freqüentes. Deslandres¹⁰¹ define maus tratos como:

“Define-se o abuso ou maus-tratos pela existência de um sujeito em condições superiores (idade, força, posição social ou econômica, inteligência, autoridade) que comete um dano físico, psicológico ou sexual, contrariamente à vontade da vítima ou por consentimento obtido a partir de indução ou sedução enganosa”.

Há casos em que muitos jovens homossexuais são brutalmente violentados ou mesmo prostituídos quando sua sexualidade vem à tona no interior da família. Há situações em que muitos homossexuais ainda jovens são abandonados à sua própria sorte, fazendo das ruas e da prostituição sua única forma de sobrevivência. Como podemos observar no relato de X, 20 anos¹⁰²:

¹⁰¹ DESLANDRES, Sueli.Ferreira. **Prevenir a violência – um desafio para profissionais de saúde**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ENSP/Claves, 1994. p. 20

¹⁰² X, 20 Travesti que se prostitui nas ruas do Centro de Niterói entrevistada por mim para ilustrar a dissertação.

“Minha mãe descobriu que eu era homossexual aos 16 anos, pois me viu mantendo relações sexuais com um outro menino, me pôs para fora de casa...não tive opção... caí na pista e fui fazer a vida, me prostituí”.

A violência psicológica ocorrida dentro do ambiente familiar ainda acarreta ao jovem homossexual consequências ainda mais graves, como por exemplo, se achar merecedor daquele tipo de violência, sintomas como a Obesidade, comportamento infantil, enurese, agressividade ou timidez, baixo rendimento escolar, baixa auto-estima, apatia e a não aceitação de sua orientação sexual são entendidos e definidos como decorrentes dos maus tratos psicológicos, como nos mostra a definição a seguir:

“Como toda forma de rejeição, depreciação, discriminação, desrespeito, cobrança ou punição exagerada...todas estas formas de maus tratos psicológicos podem causar danos ao desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo¹⁰³”.

Este tipo de violência pode ser qualificado como passivo (abandono emocional, negligência com os cuidados afetivos) ou ativo (expressão de forma verbal ou em atitudes de ameaça, castigos, críticas, rejeição, culpabilização, isolamento)¹⁰⁴.

A família exerce um controle enorme e um poder simbólico e punitivo sobre seus integrantes. Este poder pode ser justificado e exercido como forma de carinho e proteção, já que sempre vem seguido da colocação: “isso é para o seu bem”. Em nome desse “seu bem”, em alguma escala há uma disputa de poder entre seus membros com o intuito de controlar os outros em nome do amor, como diz Madanes¹⁰⁵:

“Entre os membros da família, realmente ocorre uma disputa interna para obter e exercitar o micropoder e o controle dos membros uns sobre os outros, tudo sempre em nome do amor”.

No que diz respeito à sexualidade e, mais precisamente a homossexualidade, a família exerce um enorme poder e controle sobre “seus” indivíduos. Pais, mães, tios, irmãos, avós e vizinhos tentam a todo custo controlar a sexualidade de seus entes. Por isso, se falar em sexualidade já se torna algo difícil em muitos casos, imagina falar em homossexualidade. No caso da

¹⁰³ **Guia de atuação frente a maus-tratos na infância e na adolescência- orientações para pediatras e demais profissionais que trabalham com crianças e adolescentes.** Segunda edição, 2001. p.13.

¹⁰⁴ *Ibidem.* P. 26.

¹⁰⁵ MADANES, Cloé. **Sexo, amor e violência: estratégias para a transformação.** Campinas. P. 24

homossexualidade, pais, mães, tios irmãos e outros familiares são beneficiados pelo medo que seus indivíduos sentem de serem excluídos, rejeitados ou perderem o amor daquele clã. Madanes diz que a principal emoção dos membros da família é o medo. Coincidindo com o relato de um dos entrevistados para esta pesquisa:

“Eu demorei uns seis anos para me aceitar homossexual, pois sempre tive muito medo dos meus pais me baterem e me expulsarem de casa. Isso de fato aconteceu, porém não me arrependi de estar livre para viver minha sexualidade. Os laços foram cortados, porém ainda nos falamos, não sei se terei de volta o amor da minha família”¹⁰⁶

No outro viés das relações familiares podemos notar o uso da violência como forma de amor e proteção. Em nome desse amor intenso, a família, no intuito de proteger e amar seus filhos e parentes, acaba em muitos casos cometendo inúmeras agressões contra estas pessoas “queridas” - em muitos casos sem perceber a agressão ou considerar seu ato como agressão, como no caso de X, mãe de Y, 20 anos¹⁰⁷:

“Quando descobri que meu filho é homossexual, meu chão se abriu, me senti um lixo. Minha primeira atitude foi bater nele, bati muito, pois assim achava que aquela safadeza iria acabar. Não funcionou, passei então a agredí-lo verbalmente, porém, com o tempo pude ver que meu filho se afastava cada dia mais de mim. Resolvi, então aceitá-lo e amá-lo como ele é”.

Foucault em *Vigiar e Punir*¹⁰⁸, traz o conceito do Panóptico¹⁰⁹, a cidade controlada e vigiada. Observo as relações familiares como os olhos do Panoptico, pois no grupo familiar a vigilância e o controle central (pai e ou mãe) é exercido constantemente, vigiando e punindo tudo o que foge do padrão dito normal. Depois dos pais, outros indivíduos do grupo familiar também exercem o controle e o

¹⁰⁶X. 25 anos, operador de telemarketing.

¹⁰⁷X, 42 anos Secretária.

¹⁰⁸FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir – História da violência nas prisões*. Editora Vozes, 34 edição 2007. p.162

¹⁰⁹O Panóptico é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado re constantemente visível. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. Em suma, o princípio da masmorra é invertido; ou antes, de suas três funções – trancar, privar de luz e esconder – só se conserva a primeira e suprim-se as outras duas. A plena luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protegia. A visibilidade é uma armadilha. (Foucault, Michel. *Vigiar e Punir – História da violência nas prisões*. Editora Vozes, 34 edição 2007. p.166)

micropoder sobre seus membros: irmãos e irmãs mais velhos, avós, tios, primos e até mesmo vizinhos. Para ilustrar a comparação trago o caso de X, 34 anos¹¹⁰:

“Morei com minha família até os 25 anos. Era desagradável, pois não tinha privacidade. Na casa não havia portas no interior e tudo que se passava nos quartos e banheiro era vigiado pelos meus pais. Não podia namorar, ler um livro ou me masturbar, sem que alguém sempre aparecesse com a cara na porta. Decidi fazer faculdade e morar fora, para fugir da minha família e de seu controle”.

Nessa rede de sociabilidade familiar ainda incluo os vizinhos mais próximos e agregados controlando e vigiando os corpos como observamos no relato de X¹¹¹:

“Um dia meus pais foram viajar, eu deveria ter uns 17/18 anos, então levei meu namorado para passar o fim de semana comigo. Vivemos momentos maravilhosos. Na segunda, assim que cheguei da escola minha mãe e meu pai estavam na sala, mal pude falar oi e dizer que estava com saudade. Minha mãe disse que a vizinha viu tudo o que aconteceu na casa enquanto eles estavam fora. Meu pai não disse nada só me bateu e sequer me deu chance de dizer que nada demais havia acontecido e me expulsou de casa, não voltei mais em casa e nem falei mais com meus pais que preferiram ouvir a vizinha”.

Neste contexto fica evidenciada a questão moral, onde os pais do jovem acabam cometendo atos de violência por conta da “vergonha” de ter um filho homossexual, demonstrando total desconhecimento sobre a sexualidade humana.

5.2

Perfil dos participantes da pesquisa de campo

Para a confecção desta dissertação foi elaborada uma pesquisa de campo quantitativa com 50 homossexuais assumidos (30 homens e 20 mulheres) e uma. Vale ressaltar que os participantes foram entrevistados durante a parada GLBTT ocorrida em Niterói em 2007, com o intuito de observar como é vista a questão da violência pelos entrevistados.

Analisando a pesquisa quantitativa, pude observar que:

¹¹⁰X, 34 anos dentista.

¹¹¹X. 30 anos, estudante de Direito.

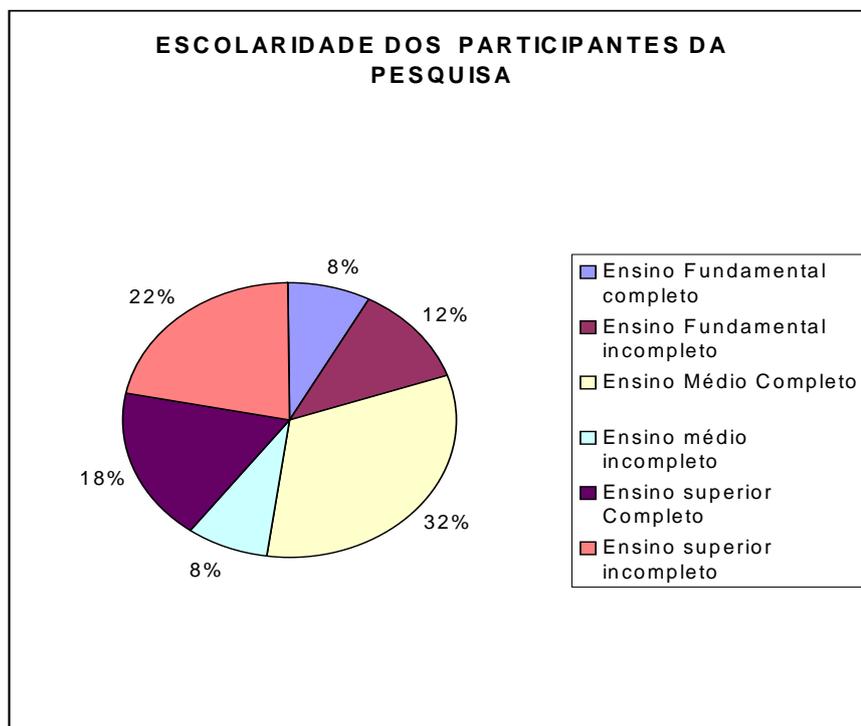


Gráfico 1 Fonte: Pesquisa de campo, Parada GLBTT, 2007. Prata, Marcelo Ricardo

Conforme gráfico acima, podemos observar que 32% dos informantes estudaram até Ensino médio, 22% possuem o Ensino Superior incompleto, 18% concluíram o Ensino Superior, 12% concluíram o Ensino Fundamental incompleto, 8% concluíram o Ensino Fundamental e 8% não haviam concluído o Ensino Médio.

Em relação à orientação sexual, foi perguntado se os participantes são ou não assumidamente homossexuais, tanto para a família quanto para a sociedade no geral. O resultado obtido foi:

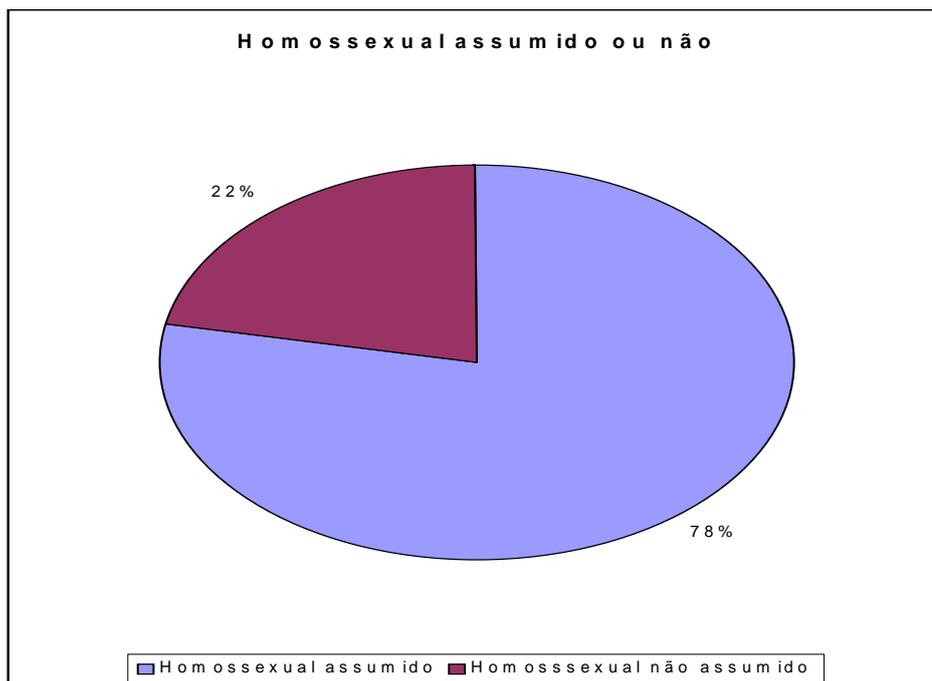


Gráfico 2 Fonte: Pesquisa de campo, Parada GLBTT, 2007. Prata, Marcelo Ricardo

No gráfico anterior 78% dos entrevistados são assumidamente homossexuais, não se importando em assumir sua sexualidade em todos os meios de sociabilidade, enquanto 22% não assumiram sua sexualidade para os outros.

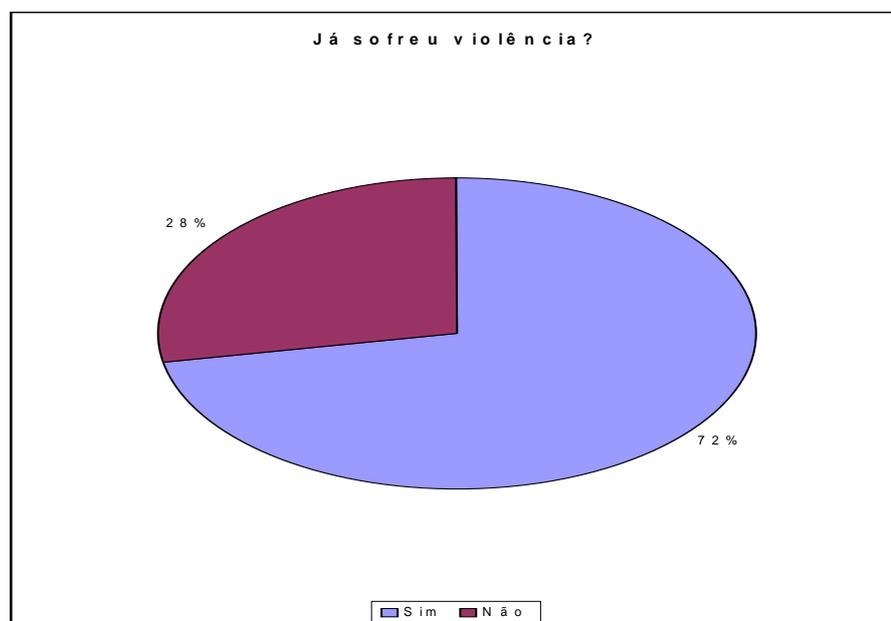


Gráfico 3 – Fonte: Pesquisa de campo, Parada GLBTT, 2007. Prata, Marcelo Ricardo

Em relação à violência, 72% disseram que sofreram algum tipo de violência, enquanto 28% disseram não ter sofrido violência alguma.

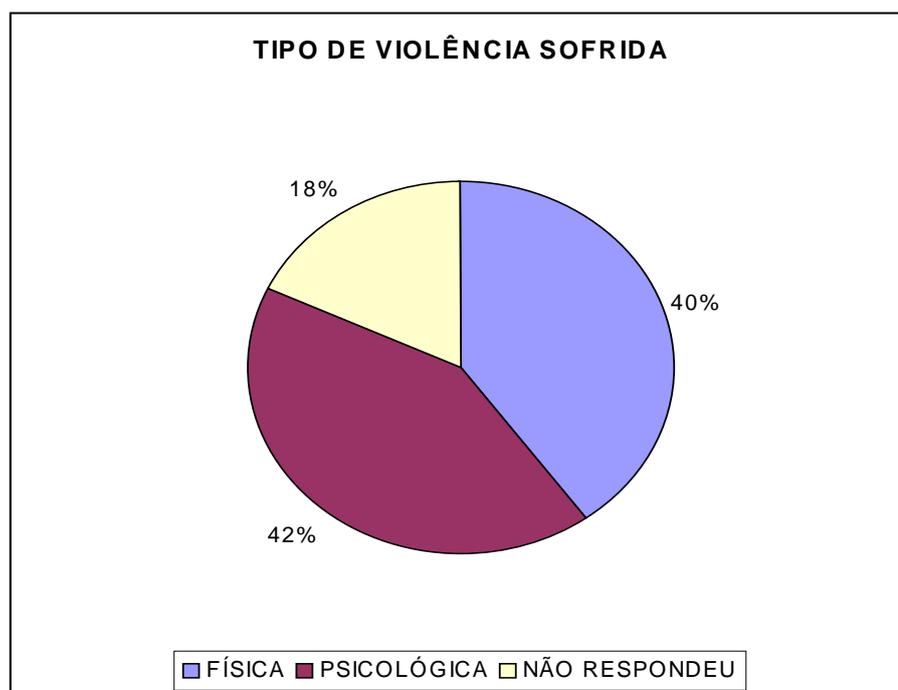


Gráfico 4 Fonte: Pesquisa de campo, Parada GLBTT, 2007. Prata, Marcelo Ricardo

Quanto ao tipo de violência sofrida pelos entrevistados obtivemos os seguintes resultados: 42% disseram que sofreram violência psicológica, 40% disseram que sofreram violência física e 18% Não responderam.

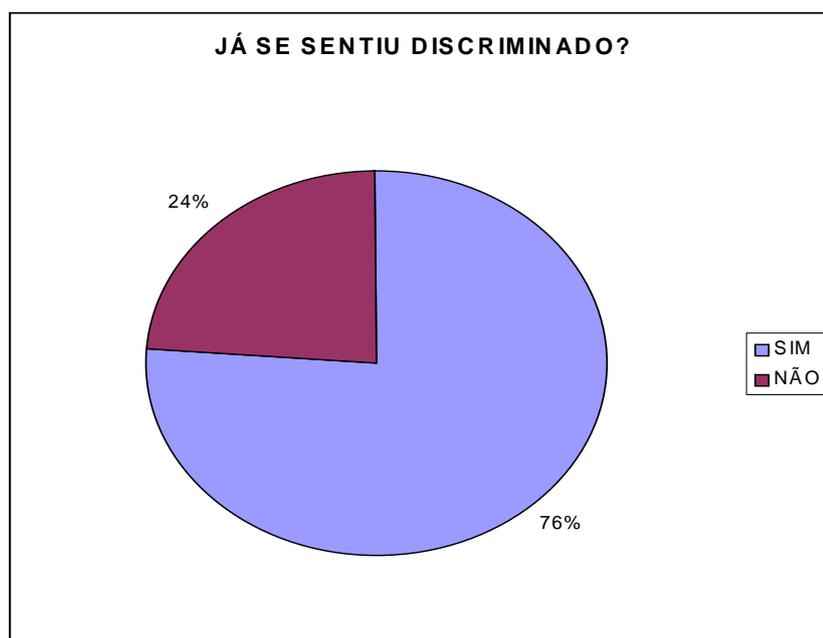


Gráfico 5 Fonte: Pesquisa de campo, Parada GLBTT, 2007. Prata, Marcelo Ricardo

Quanto à discriminação, observamos os seguintes resultados: 76% dos participantes disseram que já se sentiram discriminados, enquanto 24% disseram que não foram discriminados.

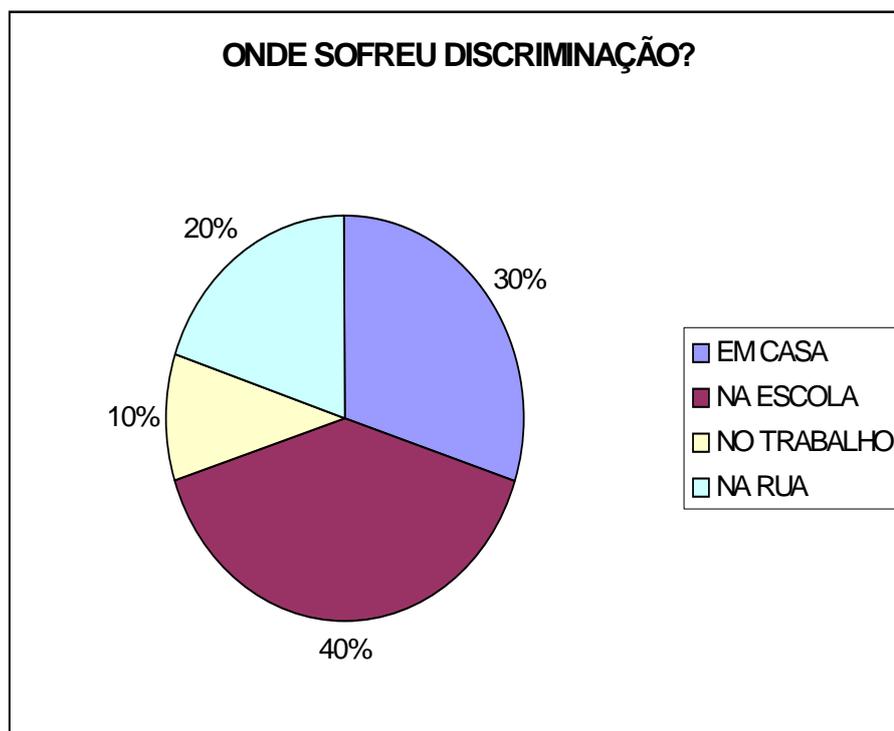


Gráfico 6 Fonte: Pesquisa de campo, Parada GLBTT, 2007. Prata, Marcelo Ricardo

Quanto ao lugar onde foi discriminado obtivemos o seguinte resultado: 40% se sentiu discriminado na escola; 30% se sentiu discriminado pela família, 20% na rua e 10% no ambiente de trabalho.

5.3

O lócus da Pesquisa o Grupo Diversidade Niterói – GDN

O Grupo Diversidade Niterói foi fundado no dia 24 de janeiro de 2004. Nasceu a partir das discussões de um grupo de jovens universitários da cidade a cerca do Movimento LGBT¹¹² e de uma situação de violência ocorrida no município que envolveu agressão e descaso policial. A idéia começou a ganhar força em meados de 2003, depois das Paradas do Orgulho GLBT¹¹³ de São Paulo e Rio de Janeiro e da grande participação de niteroienses nestes eventos. Por outro lado,

¹¹² A nomenclatura GLBT utilizada pelos movimentos sociais e pelo governo foi mudada para LGBT em 07 de junho de 2008, na Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transexuais para dar mais significado as reivindicações das mulheres lésbicas.

¹¹³ Sigla que denomina Gays, Lésbicas e Simpatizantes.

percebia-se a total apatia da cidade tanto na questão da luta política, quanto na questão de entretenimento mais específico para o público homossexual.

Os primeiros passos acontecem em 2004, quando o Grupo Diversidade Niterói começa contato com grupos maiores, como o GAI (Grupo Arco-Íris), participando de debates sobre união civil na ALERJ, como também do primeiro fim-de-semana GLS de Búzios e outras atividades do movimento homossexual. Neste mesmo ano, o Ministério da Saúde promoveu o “Curso Somos” que visava fomentar projetos de ONG’s que trabalhavam com prevenção de DST/AIDS e o II Encontro Fluminense de Profissionais do Sexo. A partir desses dois grandes eventos, o Grupo Diversidade Niterói percebe que além de michês e travestis que sofrem terríveis discriminações e violências por conta de trabalharem com prostituição e pelo uso que fazem da sua sexualidade, as mulheres também são o alvo principal do preconceito.

A Missão do Grupo Diversidade Niterói tem por finalidade lutar pelos direitos e pelo fim do preconceito contra mulheres, gays, travestis, lésbicas, bissexuais, profissionais do sexo, transgêneros e qualquer outra pessoa que seja discriminada por gênero ou por orientação de gênero, orientação sexual ou pela forma como decide viver sua sexualidade. Uma luta plural, mas não planejada. Uma luta diversa e por diversidade. A atuação do Grupo além de promover a defesa, a garantia e a difusão dos Direitos Humanos fundamentais e sexuais, apóia homossexuais e familiares através de acompanhamento psicológico, jurídico e de assistência social.

O Grupo Diversidade Niterói tem por objetivo e princípio de ação e de articular as lutas em relação às questões de direitos humanos e sexuais, como também promover uma ética de solidariedade e respeito às diferenças numa sociedade plural. A estratégia utilizada pelo grupo são iniciativas dos projetos em parceria com a Fundação Municipal de Saúde de Niterói, com o Ministério da Saúde que mensalmente fornece preservativos e com a ONG CAPA (Centro de Apoio às Pessoas com Aids). A instituição é sem fins lucrativos e o material recebido é repassado às pessoas atendidas pelos projetos.

O Grupo Diversidade Niterói amplia suas estratégias através de 18 atividades e alguns projetos, entre eles: o GDN - Diversidade na Praia, Diversidade Cine, Gayosque, Núcleo de Mães, Juventude e Sexualidade – projeto em parceria com o Grupo Cidadania Gay e a Universidade Federal Fluminense – e a Parada do

Orgulho LGBT de Niterói.

O Projeto de prevenção consiste na distribuição de preservativos masculinos acompanhado de um panfleto/folder institucional para cada pessoa, com a finalidade de incentivar a prática do “sexo seguro” e o aprendizado da forma correta do uso da “camisinha”. No ano de 2005, o GDN distribuiu mais de 25 mil camisinhas e panfletos institucionais. A cada semana são atendidas mais de 40 profissionais do sexo (mulheres e travestis). De acordo com o Ministério da Saúde, projetos como esses contribuem consideravelmente para a desaceleração do crescimento do percentual de infectados na comunidade LGBT.

As Equipes de prevenção e demais atividades são formadas por voluntários de diversas áreas do saber, dentre eles, Assistentes Sociais, Psicólogos, Advogados e Jovens que participam de cursos de capacitação e atuam nas atividades de acordo com suas disponibilidades.

Os Encontros de vivência é outro projeto do GDN onde são construídos os alicerces da luta LGBT da cidade. As reuniões acontecem semanalmente e recebem dezenas de pessoas - um público significativamente jovem na sua maioria - para trocar experiências e debater temas escolhidos previamente, propiciando um ambiente perfeito para aprender, lutar e crescer.

O núcleo de mães é um grupo formado por pais, mães, amigos e outros familiares de homossexuais, interessados em entender e aceitar a orientação sexual dos seus filhos. O grupo se reúne toda primeira sexta-feira de cada mês. Cabe aos profissionais de Serviço Social e de Psicologia a mediação dos conflitos gerados no grupo.

Juventude e sexualidade: O Projeto Juventude e Sexualidade está voltado para debater questões relativas à sexualidade dos adolescentes/jovens. Cabe a este projeto realizar palestras informativas acerca de questões relevantes a sexualidade humana, com um linguajar voltado ao público jovem.

Diversidade *Zine*: Jornal informativo do Grupo traz em seu interior informações relativas a atividades desenvolvidas na cidade e pelo Grupo para o segmento GLBTT.

O grupo de teatro é formado por homossexuais e transgêneros da cidade de Niterói interessados na área. Tem por finalidade trabalhar questões relativas a homossexualidade, bem como questões de socialização e garantia de direitos através de peças elaboradas pelo grupo.

A Orientação Psicológica tem por finalidade dar apoio psicológico a homossexuais, travestis, transgêneros, amigos de homossexuais.

Orientação Jurídica: apoio jurídico a homossexuais vítimas de violência.

Desde 2005, o Grupo atingiu maior visibilidade colocando 30 mil pessoas nas ruas de Niterói na primeira edição da Parada do Orgulho GLBT. Com o tema “*União Civil, já!*”, contou com a presença de vários políticos entre eles Carlos Minc. A Parada foi iniciada por duas mães de homossexuais, que abriram caminho com uma faixa escrita: “*Eu tenho orgulho do meu filho*”. Em 2006, a Parada veio com o tema “*Brasil em Campo contra a Homofobia*” e levou para as ruas cerca de 55 mil pessoas. A estimativa era de 45 mil. Na sua terceira edição, a Parada atravessou as ruas de Niterói destacando a importância de movimento e do evento, chamando a atenção também da sociedade para o que ainda é negligenciado: “*3 anos de lutas, conquistas e alegrias. Chega de machismo, racismo e homofobia!*” Estiveram presentes aproximadamente 100 mil pessoas nas ruas próximas à orla em Icaraí. Em 2008, a Parada de Niterói prosseguiu pressionando o Estado por uma legislação que criminalize as práticas violentas contra a população homossexual: “*Homofobia Mata! Por um Estado laico, de fato*”.

Ao longo desses quatro anos, o Grupo Diversidade Niterói vem atuando sistematicamente na luta pela garantia e defesa dos direitos dos homossexuais. No dia 30 de novembro de 2007, um jovem estudante de 19 anos, ao sair de uma Boate GLS em Niterói com um grupo de amigos, foi espancado. Segundo informações, os agressores faziam parte de um grupo neonazista que atua no município. O jovem foi agredido com vários socos e pontapés. Esse ato violento deixou-o internado por quatro dias. O Presidente do GDN na época, Renato Marques, acompanhou o caso e a Instituição deu assessoria ao jovem e sua mãe, com o apoio jurídico e psicológico. O advogado do Grupo Diversidade Niterói, Valério Aguiar orientou-o para que na época fosse feito o retrato falado dos agressores. A vítima decidiu não levar o caso adiante e mudou-se para outro Estado¹¹⁴. Casos como esse é apenas uma ponta do iceberg do preconceito que existe. Niterói foi e ainda é palco de muitas práticas violentas como resposta à homofobia¹¹⁵.

¹¹⁴ Segundo Cláudio Nascimento da Superintendência de direitos individuais e coletivos da Secretaria Estadual de Assistência e Direitos Humanos, 80% dos agredidos não denunciam, com medo de, ao expor sua sexualidade, sofrer represália ou preconceito. Fonte: Jornal Extra de 07/12/2007.

¹¹⁵ Palavra inicialmente empregada pelo psicólogo Joahn Smith na década de 70. Hoje diz respeito a qualquer sentimento de ódio, repulsa, aversão, descrédito ou desprezo à pessoa homossexual ou a tudo que faça referência à homossexualidade.

Outros dados significativos que constataam esse tipo de violência na cidade, são adquiridos através das próprias denúncias que o Grupo recebe, agindo como um Centro de Referência apesar de não oficial. Nos anos de 2005 a 2007, foram registradas várias agressões e ameaças físicas, verbais, psicológicas e jurídicas; discriminação institucional; homofobia via internet (Orkut); omissão de direitos. Os agressores vêm de diversos segmentos da sociedade, tais como: comércio, câmara dos vereadores, universidades, polícia militar, religiosos, psicólogos, direção da Marinha do Brasil e família.

O Grupo Diversidade Niterói vem acompanhando esses casos na luta pelos direitos através de intervenções a partir de Carta-Manifesto, encaminhamentos ao Ministério Público, ao Conselho Regional de Psicologia, Advogados e Delegacias com registros em boletins de ocorrência.

Hoje, com diversos projetos, o Grupo se destaca por sua atuação dentro da cidade nas questões de conscientização e defesa dos direitos de cidadãos homossexuais. Mesmo assim, dados de preconceitos no município ainda são grave fator. Por outro lado, o processo de capacitação da guarda municipal e médicos da rede pública para lidar com o público homossexual ainda não aconteceu.

O insistente compromisso do Grupo Diversidade Niterói na luta pela dignidade humana e a eliminação de todas as formas de violência, levou para dentro da Câmara Municipal em 2007, através do Vereador Leonardo Giordano, o Projeto de Lei que institucionaliza o dia 24 de janeiro como o Dia Municipal de Luta contra Homofobia em Niterói. Na semana da Diversidade Sexual, (comemorada mundialmente no último fim-de-semana do mês de Junho), o Grupo promove debates, palestras, cursos e atividades com os professores formando assim a Semana da Diversidade nas Escolas.

Reconhecer o direito do outro é compreender que todos são iguais nas suas diferenças e a aproximação em relação ao diferente é o que viabiliza o início de um caminho de tolerância e respeito.

5.4

O Núcleo de Mães do Grupo Diversidade Niterói.

O Núcleo de Mães do GDN foi fundado por duas mães de homossexuais,

preocupadas em passar informações e vivências acerca de suas experiências com a descoberta da homossexualidade de seus filhos. Inicialmente, seu nome era Grupo de Mães, porém, o grupo achou melhor substituir para núcleo, pois dá o sentido real de núcleo familiar e tem como objetivo primeiro aproximar pais e familiares da questão da homossexualidade em família, reconhecendo que estas sentiam muitas dificuldades e desconhecimento em torno do assunto, o que levava mães e pais a tomarem atitudes muitas vezes agressivas com seus filhos.

O Núcleo de Mães do GDN foi fundado por Rosiléa Marques e N¹¹⁶, preocupadas com a relação conflituosa entre pais e seus filhos homossexuais por causa da orientação sexual dos mesmos.

O Serviço Social do Grupo Diversidade Niterói vem desenvolvendo seu trabalho a partir dos princípios fundamentais do Serviço Social, promovendo o exercício da cidadania através de suas ações no âmbito da saúde, direitos humanos, educação e implementação de políticas públicas. O público-alvo atendido pelo Serviço Social é formado por homossexuais (masculinos e femininos), transexuais, heterossexuais e bissexuais que tenham seus direitos como cidadãos violados e, ou são vítimas de violência física ou simbólica.

Para Rosiléa¹¹⁷, o Núcleo de Mães é:

“Hoje o Grupo de mães, não é só de mães, mas sim o Núcleo de mães, pais, tios, amigos, avós e etc, de homossexuais que buscam entender, amar e respeitar seus filhos como eles são, independente de sua orientação sexual”.:

Nas entrevistas e visitas domiciliares se percebe as dificuldades nas relações familiares. Por outro lado, os filhos relatavam as dificuldades de lidar com a homossexualidade e a família. Percebíamos que em momento algum os pais falavam abertamente sobre questões sexuais dos seus filhos, porém o desconforto ficava explícito.

Nas reuniões de vivência onde os jovens se reuniam para o debate de um tema relacionado à sexualidade, era possível perceber que para eles enfrentar a sociedade era um desafio secundário, pois o maior estava dentro de casa, com os pais, das piadinhas dos irmãos, primos e outros familiares.

Com base nas histórias ouvidas desses sujeitos surgiu um novo desafio para o GDN juntamente com o Serviço Social, a necessidade específica de um trabalho

¹¹⁶ Como não consegui entrevista-la, achei melhor não citar seu nome.

¹¹⁷ Rosiléa Marques é atualmente (2008) coordenadora do Núcleo de Mães do GDN.

com mães de homossexuais.

O trabalho com essas mães se dá através de reuniões em grupos reflexivos que acontecem uma vez na semana, sendo composto por um assistente social, um psicólogo e uma estagiária de Serviço Social, todos tendo a função de facilitadores dessa dinâmica. Nesta reunião com duração de uma hora e meia, os pais e familiares presentes são convidados a dar as boas-vindas aos novos pais participantes como forma de criar uma aproximação e clima de bem-estar - Esses pais chegam ao local através de busca ativa e a pedido dos filhos.

Vale ressaltar que nas primeiras reuniões apenas as mães compareciam. No decorrer do tempo, outros membros da família passaram a fazer parte do grupo e apresentavam suas questões, dúvidas, tristezas e preconceitos, contribuindo desta maneira para o processo reflexivo do grupo.

F*¹¹⁸, mãe de um menino homossexual, que esteve presente na concepção do trabalho disse:

“Meu filho quem me falou e eu me aproximei para conhecer um pouco mais das histórias dos meninos e como pesquisa de campo também para me aproximar mais dessa realidade, inclusive eu fui uma das mães que abriu a primeira Parada de Niterói com a faixa “Tenho orgulho do meu filho”. Eu participava das reuniões de convivência porque eu ouvia e questionava muito”.

O primeiro momento da reunião se dá através de uma dinâmica de “quebra-gelo” e o assunto é apresentado através de uma chuva de palavras, deste modo o tema vai sendo percebido pelos participantes. No segundo momento é apresentado um texto ou reportagem sobre homossexualidade. No terceiro momento sempre acompanhado de uma música, é onde a consciência crítica sobre a realidade e a proposta de mudanças de atitudes é incentivada.

O assunto é escolhido antecipadamente pelo grupo juntamente com o assistente social. A instrumentalidade utilizada nas reuniões é primeiramente a acolhida acompanhada da observação. Essa acolhida propicia um “desarmamento” das (os) mães/pais e um ambiente mais aconchegante e familiar, sendo esse um momento caloroso de outros pais e a socialização das suas vivências fortalecendo assim a identificação. A vitimização das mães e/ou familiares com o tempo se desfaz, principalmente quando percebem que suas histórias não são únicas e que outros pais conseguiram superar o preconceito e não conceber a homossexualidade

¹¹⁸ Hoje coordena a ONG REPAIR que realiza um trabalho também voltado para pais de homossexuais em Niterói.

do seu (a) filho (a) como parâmetro para determinar as relações afetivas familiares.

A troca de experiências é facilitadora no processo de reflexão sobre o entendimento da homossexualidade e confirma a importância de ter um espaço para que os participantes se percebam no contexto e saibam que não estão sozinhos.

Muitas são as histórias que acompanhamos de pais que praticam atos violentos com seus filhos e reconhecem suas atitudes como uma forma de “educar” e “cortar o mal pela raiz”. Alguns relatos são contados pelos filhos, outros, alguns pais e mães que não desejam ser reconhecidos, se comunicam por telefone. Durante os atendimentos e reuniões só tivemos o conhecimento de uma situação de suicídio, onde um pai desesperado procurou o grupo. Ele contou que o filho tomou veneno porque o ouviu dizer que o mataria se soubesse que o filho era “viado”. Casos como esses não são e a marca da intolerância se esbarra na falta de informação e no preconceito. Esse pai chorou muito, desabafou, mas não retornou ao grupo.

A maioria dos participantes tem, no mínimo, ensino médio, regulam entre 40 e 65 anos e a predominância é de mulheres. É comum a homossexualidade ser tratada no grupo como um problema e muitas vezes a interpretam como algo vergonhoso para toda família. M* descreve bem em suas palavras o comportamento dos pais quando diz que: *“os pais também precisam aprender a sair do armário juntamente com seus filhos”*. A inconstância na participação dos pais justifica a fala de M.

O Núcleo de Mães prioriza as famílias e o fortalecimento desses vínculos através de diálogos, acreditando nestes como um caminho fundamental para o combate da homofobia familiar.

Neste trabalho de intervenção no GDN, a Campanha pela Livre Orientação e Expressão Sexual (CFESS/CRESS) vem como instrumento fundamental para fomentar a necessidade de ter mais espaços que dialoguem a respeito das diferentes práticas sexuais; de ter profissionais sensíveis a causa e preparados para lidar com essas novas demandas; introduzir na formação acadêmica do estudante de Serviço Social a diversidade sexual como uma questão social que não está relacionada exclusivamente às DST's (doenças sexualmente transmissíveis) e prevenção, mas tratar a sexualidade como parte do contexto humano com implicações nas relações sociais e suas diversas vertentes.